

Uma égloga inédita de Santa Rita Durão

Francisco Topa

Vários estudiosos que abordaram a obra do brasileiro Frei José de Santa Rita Durão (1722-1784) admitiram que tivessem ficado inéditas muitas das suas composições. Um deles foi Inocêncio Francisco da Silva, que, ao referir-se ao poema em latim macarrónico *Descrição da função do Imperador de Eivas*, colocou a hipótese de terem ficado pelas mãos dos confrades de Durão «muitos sonetos, versos lyricos e até jocosos, para cuja publicação elle nunca prestou consentimento»¹. Desse hipotético acervo, apenas uma ode seria entretanto editada: começada pelo verso *Ser eloquente a lingua de um menino*, foi publicada em 1901 por Teófilo Braga², a partir de um manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa. Mais recentemente, Rubens Borba de Moraes³ noticiaria a existência de uma égloga piscatória inédita, na sua posse. O bibliógrafo brasileiro não chegaria contudo a imprimi-la.

Depois da morte do proprietário, a colecção de manuscritos de Borba de Moraes passou a integrar o espólio da biblioteca do Dr. José Mindlin, de São Paulo. Foi aí que reencontrei a égloga em causa, incluída numa miscelânea que reúne composições da segunda metade do século XVIII e apresenta, na lombada, o título «Poesias». Ocupando

as páginas 548-553, o poema vem precedido da seguinte legenda: «Ao Nascimento do Príncipe da Beira, por Frei José de Santa Rita Durão, Religioso da Graça». Esta informação permite-nos datar o texto de forma precisa: D. José, Príncipe da Beira e do Brasil, filho primogénito de D. Maria I e de D. Pedro III, nasceu em Lisboa, a 20 de Agosto (embora o poeta, no v. 41, fala em «vinte e um de Agosto») de 1761, o que significa que a égloga deve ter sido escrita pouco depois. Ora, de acordo com a reconstituição da biografia de Durão feita por Artur Viegas⁴, o frade da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho estaria ainda em Portugal nessa época, e provavelmente no Convento da Graça, em Lisboa. Não há portanto razões que permitam duvidar da atribuição.

Obedecendo ao padrão mais comum da literatura da época, esta égloga - constituída por decassílabos de rima emparelhada - não contribuirá de certo para o engrandecimento do nome de Santa Rita Durão, que continuará sendo o injustamente desprezado autor do *Cavanuru*. Mesmo assim, creio que é justificada a sua edição, que farei de acordo com o modelo que tenho vindo a seguir para a publicação de textos deste período⁵.

¹ *Dictionnaire Bibliographique Portugal*, vol. XIII, Lisboa, Imprensa Nacional, 1885, p. 195.

² *Filinto Elysio e os Dissidentes da Arcadia. A Arcadia brasileira - Francisco de Mello Franco, José Basílio da Gama, Frei José de Santa Rita Durão, Alvarenga Peixoto, Tomás António Gonzaga*, Porto, Livraria Chardron, 1901, p. 510-512.

³ *Bibliografia Brasileira do Período Colonial*, São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros da U.S.P., 1969, p. 126.

⁴ *O Poeta Santa Rita Durão - Revelações históricas da sua vida e do seu século*, Bruxelas, L'Édition d'Art Gaudio, 1914. Artur Viegas é pseudónimo do P. Antunes Vieira, S.J.

⁵ Ver, por exemplo, *Poesia Dispersa e Inédita do Setecentista Brasileiro Francisco José de Sales*, Porto, Edição do Autor, 2001, p. 43-51.

Égloga Piscatória de Forgino e Duriano

Ao Nascimento do Príncipe da Beira, por Frei José de Santa Rita Durão, Religioso da Graça

Forgino

Como vai, Duriano, o rio ameno
Correndo manso para o mar sereno!
Ali surcando estão co(m) alegre bico
Dous lavancos, não vês?, e um maçarico;
5 Toda a praia me infunde uma esperança
De que há-de ser constante esta bonança.

Duriano

O brando vento assopra e na água pura,
Variando mil vezes a figura,
Faz que duvide, ainda estando vendo,
10 Se é a vista ou licor que está tremendo.

Forgino

As mesmas avezinhas dos salgueiros
Entoam os seus cantos lisonjeiros
Com mais doce harmonia; nem do Prado
O mar se distinguira sossegado,
15 Se quando a diferença no mais perde,
Não fora o mar azul e o Prado verde.
Não julgas, Duriano, que isto seja
Sinal de um grande bem que o Céu deseja
Conceder aos mortais? Talvez é indício
20 De algum inopinado benefício
Ver como a terra, o Céu, o mar e os ventos,
Na concórdia feliz dos elementos,
Gozam de tanta paz, tanto sossego,
Como hoje vê nas praias do Mondego.

Duriano

25 Não é, Forgino, vão teu vaticínio,
Pois é certo que os Astros têm domínio
Para dar-nos talvez como pressagos
Indícios da ventura ou dos estragos.
Parece em dia tal como o presente
30 Que {a}inda o mesmo insensível gosto sente
O ar, o Céu, o clima, o feliz ano;
Tudo infunde um prazer tão soberano
Que quando a nossa dita {a}inda ignorara,
No aprazível da vista suspeitara
35 O benefício imenso do Céu Santo.

Forgino

Dize tudo, se podes dizer tanto.

Duriano

Era o tempo em que o Sol queimando tudo
Abrasa dentro da água o peixe mudo,
Quando o ameno Mondego de águas pobre
40 Todo o leito de areias nos descobre.
Eram vinte e um de Agosto, a noite escura,

3. Esta síncope é imposta pela métrica.

30. A métrica impõe esta aférese.

33. A aférese é determinada pela métrica.

Quando vimos nascer uma criatura
 Com que o amor, o respeito e a Majestade
 Suspiraram nessa noite a claridade.
 45 Naquela noite as Tágides formosas
 Viram as mesmas trevas luminosas
 Com tanto resplendor que já vi dia
 Que menos que essa noite luziria.
 Aquele grande Povo sem segundo
 50 Aonde quasi inteiro habita um mundo,
 Com a luz que reflecte, em forma brilha
 Que fez por nunca vista maravilha
 Ver além da cidade em tanta frágua
 Outra cidade mais debaixo da água.
 55 O grande pescador, de cuja linha
 Meio mundo pendente se sustinha,
 Chega ao berço suave onde adormece
 Aquele novo herdeiro que aparece,
 Porque no tempo que receia a Parca
 60 Da Lusitânia reja a imensa Barca;
 Mudo e imóvel ficou no feliz peito;
 Êxtase pareceu, mas era gosto.

Forgino

Gosto infalível é, glória tão alta
 Que a tanto gosto o sentimento falta.

Duriano

65 Se viste o Pescador que já cansado,
 Tantas vezes as redes tem lançado,
 Quando o peixe se amua, e de repente
 Ouve um sussurro de água veemente,
 Levanta e vendo areia em um só ponto,
 70 Pasma de assombro e fica meio tonto;
 Desta sorte pasmado, alegre e mudo
 Fica o Rei, fica o Reino e ficou tudo.
 Não vês esses Bateis e os Barcos todos
 Ornados de bandeiras por mil modos?
 75 Uns enchendo todo o ar de alegres gritos,
 Outros rompendo em vivas infinitos?
 Quais das Lanchas, Iates e Navetas,
 Ao clamor belico[so] das trombetas,
 Correspondem soando entre essas minas
 80 Colm) o tom náutico e rouco das buzinas?
 Olha... escuta no som que reverbera
 Aquele grande nome que enche a esfera:
 O gosto (diz) José, José, motiva;
 Ouve o que diz o Céu... /Forgino/ Diz que viva.

Duriano

85 Viva o grande José, Príncipe Augusto,
 Retrato belo de um Monarca justo,
 Fidelíssimo Herói da Santa Igreja;
 Viva o Rei e no Neto imortal seja.

44. Este verso apresenta 11 sílabas.

62. Note-se a falha de rima.

78. Suponho que se trata de uma gralha, tanto mais que, sem esta emenda, o verso teria 9 sílabas.

80. A síncope é imposta pela métrica.

84. Este verso tem 9 sílabas.

Forgino

Viva, responde o mar da terra ao canto,
90 Voe no vento a voz de aplauso tanto;
Encha o mundo de assombro; e por segui-la
Toda a marinha exclama e toda a vila
Que para imortal glória da Figueira,
Seja eterno o Grão Príncipe da Beira.